

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS (UFSCAR)
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS (CECH)
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS (DCSo)

VINÍCIUS BACHMANN LAGUZZI

**Partido Socialismo e Liberdade: divergências e convergência
nas eleições de 2022**

SÃO CARLOS – SP

2023

VINÍCIUS BACHMANN LAGUZZI

**Partido Socialismo e Liberdade: divergências e convergência
nas eleições de 2022**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado como requisito parcial para
obtenção de título de bacharel em
Ciências Sociais pela Universidade
Federal de São Carlos (UFSCar).

Orientador: Prof. Dr. Joelson Gonçalves
de Carvalho

SÃO CARLOS – SP

2023

Autorizo a divulgação ou reprodução total ou parcial deste trabalho por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Joelson Gonçalves de Carvalho – UFSCar Orientador

Dra. Flávia Sanches de Carvalho – UFSCar
Examinadora

Prof. Dr. Wagner de Souza Leite Molina
Examinador

Partido Socialismo e Liberdade: divergências e convergência nas eleições de 2022

Vinícius Bachmann Laguzzi¹

Introdução

O presente trabalho monográfico busca fazer um levantamento da história do PSOL, seus principais agrupamentos e objetivos enquanto “Partido”, e sua localização diante das eleições presidenciais de 2022, que foram marcadas pela disputa entre Lula e Jair Bolsonaro. Formado por uma ruptura do PT em 2003, o PSOL traçou caminhos de distanciamento e aproximações com o petismo, e suas correntes internas enxergaram diferentes estratégias para o fortalecimento de suas fileiras e o combate aos retrocessos nos últimos anos.

A importância do PSOL para a política no Brasil está diretamente relacionada à defesa do socialismo como alternativa. Segundo Alencar (2018), o socialismo não é apenas uma utopia ou um sonho, mas uma necessidade histórica e política diante da degradação social e ambiental produzida pelo capitalismo. Para o mesmo autor, essa alternativa é possível e viável para o século XXI, uma vez que ela leva em consideração as demandas e os anseios dos movimentos sociais, dos trabalhadores e das minorias (ALENCAR, 2018).

Dito isso, buscaremos apresentar essas respectivas correntes internas e suas disputas, e explicar as transformações do Partido que acompanharam as mudanças do próprio Brasil, sobretudo no período após o golpe parlamentar contra Dilma Rousseff, a eleição de Bolsonaro, a pandemia e a luta para tirar Bolsonaro da presidência.

1 – Nasce o PSOL: notas sobre trajetória do partido

Em 2003, dentre as primeiras medidas do Governo Lula que apontavam para um caminho de conciliação com projetos da burguesia, foi elaborada uma

¹ Monografia apresentada na forma de artigo como requisito parcial para a obtenção do título de bacharel em Ciências Sociais pela UFSCar, sob orientação do professor Joelson Gonçalves de Carvalho. Participaram da Banca os professores doutores Wagner de Souza Leite Molina e Flávia Sanches de Carvalho.

reforma da previdência para os servidores públicos federais. A idade da aposentadoria foi aumentada, pensionistas passaram a ser taxados e um movimento minoritário, porém orgânico, de afastamento das bases de servidores federais para com o petismo passou a surgir.

É nesse movimento que entidades sindicais nacionais como FASUBRA e ANDES ganham adesão nas suas bases para correntes da esquerda radical, sobretudo o PSTU. E no parlamento, Deputados da esquerda do PT que se recusam a votar na reforma são expulsos do Partido².

Após diálogos infrutíferos visando a construção de uma organização unificada entre esses setores, os parlamentares expulsos apostam na construção de um novo partido de esquerda socialista no Brasil. Com quadros fundantes como Babá, Luciana Genro e Heloísa Helena, assim nasce o PSOL, voltado para a missão de aglutinar setores da esquerda brasileira simpáticos ao socialismo e que estivessem à esquerda do Governo Lula.

Em síntese, conforme aborda Singer (2006), o partido que surgiu a partir de uma cisão no Partido dos Trabalhadores (PT) em 2003. Singer argumenta que a criação do PSOL foi motivada pela insatisfação de setores do PT com a política de alianças do partido, que teria abandonado o projeto original de transformação social em troca de cargos e poder. O PSOL se apresentava, portanto, como uma alternativa de esquerda mais radical e anticapitalista, defendendo bandeiras como a reforma agrária, a democratização dos meios de comunicação e a revogação das leis neoliberais. Singer analisa o contexto político e as estratégias do PSOL em seus primeiros anos de existência, assim como os desafios e as perspectivas da esquerda brasileira (SINGER, 2006).

Apesar de já nessa época o PSOL ter elaborado um programa e um estatuto, desde o início sua pluralidade interna permitiu que setores distintos da esquerda compusessem o Partido. Foi assim já na primeira eleição presidencial da qual o PSOL participou, lançando Heloísa Helena como sua candidata. Contrária à posição da maioria dos membros do Partido, Heloisa não defendia a legalização do aborto, além de pautar o tema da corrupção do mensalão sob um aspecto moralista, próximo à linha da mídia burguesa à época, fortalecendo a

² Conforme artigo publicado na Folha Online - Brasil - PT expulsa radicais do partido - 14/12/2003 (uol.com.br). Acesso em 02 abr. 2023.

visão do PT como um partido particularmente corrupto na institucionalidade³. Até hoje, nenhuma candidatura do Partido para a presidência conseguiu a mesma porcentagem de votos à dela, de 6,85%.

Foi centralmente o debate sobre a legalização do aborto que abalou a relação entre Heloísa e o PSOL, levando à sua saída⁴. Seu projeto de partido buscava construir uma oposição ao PT centrada no debate da corrupção, sem um projeto de desenvolvimento e soberania nacional que se posicionasse de forma clara ao lado da classe trabalhadora e contra o sistema capitalista, por mais que tecesse críticas ao mesmo. No entanto, a linha de Heloísa para o tema da corrupção na diferenciação com o PT deixa uma marca em correntes do Partido, sobretudo o Movimento Esquerda Socialista (MES) de Luciana Genro, que carregou o balanço do mensalão para combates futuros contra o petismo.

Em 2005, outro importante agrupamento da esquerda do PT rompe com o Partido para adentrar ao PSOL. Entre eles estão Ivan Valente e Chico Alencar, os primeiros deputados federais do Partido, e Plínio de Arruda Sampaio, militante histórico das pastorais católicas no enfrentamento à ditadura militar. O agrupamento que dirige o PSOL atualmente surge nessa época. A Ação Popular Socialista, futuramente Primavera Socialista, com Ivan Valente como sua principal figura. A tradição política desses quadros está abarcada em uma concepção de socialismo conquistado através de transformações institucionais e pressão popular, muito referenciada na experiência de Salvador Allende na presidência do Chile.

Na primeira experiência de governos petistas no país a reorganização da esquerda Brasileira se dava em 2 polos. Já por alguns anos as Correntes anticapitalistas que se organizavam no PT saíam ou eram expulsas do partido por divergirem da linha de sua direção. simultaneamente aqueles que buscavam preservar sua localização dentro do maior partido de esquerda do país foram pressionados a se adaptar às bandeiras programáticas da direção do partido, a deixar as ruas e abandonar os métodos de mobilização política da classe trabalhadora, lentamente se adaptando às pressões institucionais derivadas da

³ Conforme artigo publicado na Folha Online - Brasil - Heloísa chama Lula de gângster e diz que o PT é uma organização criminosa - 08/09/2006 (uol.com.br). Acesso em 02 abr. 2023.

⁴ Conforme artigo publicado com o título Fundadora do PSOL, Heloísa Helena entra na Rede e já encara divergências - 30/09/2015 - UOL Notícias. Acesso em 02 abr. 2023.

nova localização na presidência da república. o espaço para organizar ações que não estivessem dentro do PT ou de suas frentes de movimento como CUT e MST era minoritário, tendo uma audiência somente entre setores da classe média com consciência política e nas universidades.

Nenhuma organização de esquerda radical à época poderia se autoafirmar enquanto um polo de disputa direta com o petismo, que seguia absoluto em sua influência sobre os setores estratégicos da classe trabalhadora, e da população em geral. ao longo dos governos petistas, com o segmento da estratégia de abandono das ruas pela direção do partido, e com pontuais ascensos na luta de classes, foi possível a partidos como o PSTU e o PSOL ampliar sua influência sobre a classe trabalhadora. o primeiro construiu uma entidade sindical nacional com influência sobre os setores dos metalúrgicos petroleiros professores bancários docentes universitários e outros chamada CSP-Conlutas. enquanto o segundo, fruto de uma expulsão de parlamentares petistas que se recusaram a assinar a reforma da previdência de Lula crescia tanto em sua influência superestrutural com mandatos no legislativo como sob uma crescente vanguarda de mulheres negras e negros e LGBTQIAP+ foram durante as manifestações de 2013 que a disputa pelo polo da esquerda ao PT saiu de seu impasse. apesar das manifestações da época não reivindicarem nenhum partido específico, o saldo dos elementos mais progressivos desse fenômeno foi definitivamente captado pelo PSOL na disputa entre os partidos.

O Psol em seus primeiros 10 anos de existência construiu uma Identidade política pautada pela crítica sobretudo aos políticos tradicionais da direita neoliberal e seu programa de ataques à classe trabalhadora e a defesa de bandeiras progressistas, particularmente aquelas defendidas pelos setores oprimidos da sociedade.

Simultaneamente se diferenciava do PT com candidaturas presidenciais que denunciavam a adaptação do partido ao programa econômico e social das elites. foi justamente esse mesmo movimento de 2013 que consolida O Psol enquanto o principal partido político da classe trabalhadora que está à esquerda do PT (na disputa com o PSTU), que abriu um novo momento na conjuntura Brasileira disputado por setores neoliberais assim como pelos socialistas, onde a hegemonia dos governos petistas da última década começava a ser amplamente questionada.

2 – Correntes internas e dinâmica partidária: uma análise interna

O PSOL, assim como o PT, é um Partido constituído de correntes internas e mandatos independentes, que não centraliza a opinião desses grupos e delibera sua composição de direção, sua política geral e seu Programa através de Congressos abertos, que se realizam, aproximadamente, a cada dois anos.

Os Congressos são feitos através de eleições nos municípios, onde os filiados votam em Chapas que podem ser compostas por uma ou mais corrente, e/ou agrupamentos de militantes independentes. Dessas votações, são eleitos proporcionalmente representantes das Chapas, que serão delegados na fase municipal do Congresso. Nessa fase, além da votação municipal, os delegados elegem representantes da etapa Estadual, que por sua vez, votam as demandas estaduais e os representantes Nacionais, até a última fase na etapa Nacional.

Há, em suma, uma divisão do PSOL em dois grandes campos. Um setor majoritário, que se mantém coeso pela defesa da unidade da esquerda para derrotar a extrema-direita enquanto a tarefa principal na conjuntura dos últimos anos, e um setor minoritário que defende a construção de um campo entre as correntes de esquerda radical (PSTU, UP, PCB) e forças progressistas que não tenham relação com o PT (PDT, sobretudo) para construção de um campo que supere tanto a extrema-direita quanto o petismo.

O campo majoritário é conhecido como PSOL de Todas as Lutas, e se constitui por uma combinação de dois campos menores (PSOL Popular e PSOL Semente). A ligação desses campos se dá por um acordo de que os últimos anos foram de defesa dos direitos fundamentais da classe trabalhadora diante de uma ofensiva burguesa reacionária, que buscou desestruturar conquistas econômicas, democráticas e ambientais para rebaixar a qualidade de vida da população e aprofundar os níveis de exploração do trabalho. Para esses agrupamentos, tal cenário constitui uma situação reacionária, onde a unidade das organizações de esquerda, e pontuais ações em comum com os setores burgueses que fossem contra a retirada de algum direito, seria um objetivo prioritário em relação à superação da esquerda tradicional, representada sobretudo pelo PT.

Já o campo minoritário do PSOL, composto por uma unidade entre o Movimento Esquerda Socialista (MES, de Luciana Genro, Sâmia Bomfim, entre

outros) e correntes menores como a CST e LS, avalia que a responsabilidade do período defensivo que vivemos recai sobretudo ao PT, por ter abandonado a estratégia da mobilização de massas para aplicar seu programa, além de ter decepcionado a população com medidas de austeridade (principalmente no segundo mandato de Dilma) e com escândalos de corrupção ligados aos partidos burgueses tradicionais. Portanto, o papel do PSOL seria romper com o PT para superá-lo, construindo um campo de esquerda radical que enfrente a extrema-direita sem abrir caminhos para o retorno do petismo ao poder.

Em 2018, com a campanha Presidencial de Guilherme Boulos para a Presidência, se iniciou um processo de aproximação entre o MTST e o PSOL. Desse processo, Boulos e o MTST passaram a disputar o Partido, construindo uma corrente política que aproximou agrupamentos independentes e rupturas de correntes menores, a Revolução Solidária. Anteriormente a isso, o campo majoritário do Partido era formado por uma única corrente, a Primavera Socialista, de figuras como Ivan Valente e Edmilson Rodrigues. A união entre a Primavera Socialista e Revolução Solidária formam o agrupamento do PSOL Popular.

Com relação ao campo do PSOL Semente, este se compõe por correntes socialistas com uma estratégia revolucionária, que, no entanto, visam a superação do reformismo petista de uma forma diferente do campo minoritário. Composto pelas correntes Resistência, Subverta e Insurgência, se trata de um campo coeso na defesa da revolução socialista, que se diferencia do Bloco de Esquerda pela análise da conjuntura, vendo o antipetismo como um fenômeno motor dos retrocessos que se seguiram com o golpe de 2016 e a eleição de Bolsonaro em 2018. Buscaram, no último período, lutar por uma Frente Única da esquerda nas lutas contra os retrocessos, se diferenciando do PT no compromisso com as mobilizações de base como a prioridade para derrotar a extrema-direita. No entanto, como sua prioridade é a derrota da extrema-direita, se articula junto ao campo do PSOL Popular para defender o apoio do PSOL à candidatura de Lula em 2022, entendendo o papel dessa oportunidade para retirar Bolsonaro do poder⁵.

⁵ 4: conforme documento “Fazer do PSOL semente para um novo projeto para a esquerda brasileira | Resistencia PSOL 50”.

Em síntese, segundo Pericás (2010), algumas das principais divergências internas do partido ao longo de sua trajetória são: i) a questão da aliança com o Partido dos Trabalhadores dado que enquanto alguns setores do PSOL defendiam uma política de alianças mais ampla com o PT, outros consideravam essa aproximação incompatível com as bandeiras do partido; ii) a disputa entre as correntes internas: o PSOL é um partido plural e democrático, com diversas correntes e tendências. No entanto, essas diferenças nem sempre são conciliáveis, o que gerou disputas internas acirradas em alguns momentos e, iii) a estratégia eleitoral do PSOL sempre defendeu a necessidade de construir uma base social e ampliar sua presença nos movimentos sociais. No entanto, houve divergências sobre a melhor forma de traduzir essa estratégia em resultados eleitorais concretos.

Essas divergências, segundo Pericás (2010), fazem parte da vida política de qualquer partido e refletem a diversidade de opiniões e ideias existente na esquerda brasileira. No entanto, é importante que o PSOL saiba lidar com essas diferenças de forma democrática e construtiva, sem comprometer suas bandeiras e sua identidade política.

3 – Eleições 2022 e o apoio a Lula: uma análise da luta interna no PSOL.

Diante das mudanças conjunturais construídas pelo golpe de 2016, a eleição do Jair Bolsonaro em 2018 e a pandemia do coronavírus, em 2020 podemos afirmar que tal conjuntura Brasileira é de uma situação de ofensiva burguesa sobre os direitos da classe trabalhadora e de difícil articulação de um movimento em defesa desses mesmos direitos por essa mesma classe. Para as organizações políticas de esquerda radical no Brasil esse cenário mudou significativamente sua localização política diante das disputas e enfrentamentos com os setores políticos hegemônicos e de linha reformista da esquerda Brasileira representados sobretudo pelo PT e Lula enquanto sua principal liderança.

Movimentos como Vem para a Rua e MBL construíram sua base social em cima da crise de direção das manifestações de massa de 2013, que com o tempo se afastavam da pauta inicial dos 20 centavos para uma série de reivindicações dispersas sobre os mais diversos temas: corrupção, investimentos na educação

etc. Havia, portanto, espaço para a convocatória de manifestações de caráter muito distintas entre si, que mobilizariam também setores distintos da sociedade.

Esse novo cenário fora bastante emblemático para as organizações socialistas brasileiras que nos últimos anos haviam conduzido sua política de construção com um perfil separado das duas principais correntes de opinião no país: o conservadorismo tradicional representado pelo PSDB sobretudo, e o petismo adaptado ao meio institucional que aplicava cada vez mais a agenda programática da burguesia, representados sobretudo pelo ajuste fiscal que Dilma aplicou em seu segundo mandato.

A construção de uma terceira via, ou de um campo independente da esquerda socialista que nunca vingou enquanto uma corrente de opinião com peso de massas ao longo desses anos, se fragilizou com a consolidação do antipetismo de direita enquanto uma corrente mobilizadora de manifestações golpistas que passaram por um crescente entre o final de 2014, questionando o resultado das eleições presidenciais daquele ano, até o impeachment da Dilma em 2016. já durante o processo do golpe, rupturas e pressões importantes atravessavam praticamente todas as organizações socialistas brasileiras. devido às polêmicas internas, o PSOL se posiciona contrário ao golpe (não sem declarações públicas divisivas de suas figuras. Luciana Genro, por exemplo, chegou a defender que Dilma renunciasse a seu mandato, contradizendo as declarações públicas do partido). O PSTU chega a defender abertamente o golpe, apostando que a queda de Dilma culminaria na queda de outros políticos ligados ao centrão e ao programa da burguesia, como Temer e Eduardo Cunha, os levando a defenderem a palavra de ordem “fora todos”.

O Golpe, no entanto, representa uma dura derrota para todas as organizações de esquerda e para a classe trabalhadora como um todo, pois o ajuste de Dilma toma um caráter mais profundo e acelerado, e passa a abalar também a retirada de diversos direitos democráticos historicamente conquistados. O antipetismo passa a representar não só um sentimento contra o governo como uma opinião pública anticomunista anti esquerda anti movimentos sociais, fundamentalista e conservadora.

Com o PT na oposição, o espaço para denúncias de sua adaptação ao regime diminui bruscamente, e a dispersão das forças da classe trabalhadora força os partidos a pensarem uma reaproximação de todas as organizações de

esquerda para atuar em unidade nas manifestações defensivas. algumas organizações passam a centrar a diferenciação com o PT sobretudo pelo terreno das exigências, focando em fazê-las nos espaços de vanguarda e a rebaixando na hierarquia de prioridades diante da luta contra o governo golpista de Temer. No entanto nem todas as organizações da esquerda radical reconhecem a mudança de cenários, o PSTU passou por uma ruptura interna que leva quase metade de seu partido a sair, figuras como Luciana Genro são desmoralizadas por uma parte da vanguarda da esquerda Brasileira e perdem influência sobre suas bases⁶.

O aprofundamento dessa situação defensiva com o avançar da Lava Jato, a prisão de Lula e o crescimento de Jair Bolsonaro enquanto o principal representante na opinião pública desse conservadorismo antipetista cada vez mais extremado colocaram novos desafios pra esquerda socialista brasileira. O caminho de antes, pautado pelo distanciamento do petismo que estava no Governo, se complexificou com a experiência interrompida pelo golpe. Com a eleição de Bolsonaro e a pandemia, as mobilizações progressistas entram em refluxo e se fragilizam. A perspectiva de vitórias políticas para a classe trabalhadora se apaga do horizonte, e o novo cenário força as organizações a buscarem novas respostas.

Foi nesse novo cenário que se desenharam importantes lutas defensivas, da qual o PSOL fez parte na luta social e parlamentar, como o Ele Não de 2018, o Tsunami da Educação em 2019 e as manifestações pelo Fora Bolsonaro em 2021. No entanto, por mais potentes que tenham sido esses processos, as vitórias políticas eram escassas e em menor grau do que os retrocessos articulados pelo bolsonarismo. Tirar Bolsonaro da presidência era a principal tarefa, e se isso não foi possível através das manifestações de rua, a eleição de 2022 seria a oportunidade mais concreta.

No Congresso do PSOL de 2022, duas propostas para a eleição presidencial dividiram o Partido. O campo majoritário do PSOL de Todas as Lutas apoiou que, pela primeira vez em sua história, o Partido não apresentasse uma candidatura própria para a Presidência e apoiasse Lula desde o primeiro turno, visto que Lula despontava nas pesquisas como a única figura com

⁶ Conforme artigo “Miséria punitiva: por que Luciana Genro está errada sobre a Lava Jato | Combate Racismo Ambiental”.

chances de derrotar Bolsonaro na eleição. A minoria, vendo a eleição de 2022 como um momento de pressão oportunista do petismo sob toda a esquerda, desejava que o PSOL tivesse uma candidatura própria no primeiro turno para apresentar seu programa, deixando o apoio a Lula para derrotar Bolsonaro para o segundo turno da eleição.

A posição de que era preciso fazer de 2022 um ano de campanha permanente a Lula para não dar brechas à reeleição de Bolsonaro foi vitoriosa nas instâncias internas do PSOL, e permitiu ao Partido fazer 10 exigências programáticas à candidatura de Lula que foram incorporadas ao seu programa. Durante todo o processo eleitoral, marcado por ataques da extrema-direita à urna eletrônica, movimentações golpistas das forças armadas como a blitz ilegal da PRF nas rodovias durante o segundo turno e casos de violência bolsonarista contra eleitores de Lula, o PSOL esteve fazendo campanha e disputando votos para cumprir a tarefa mais importante de sua existência: impedir a reeleição de Bolsonaro e frear a ofensiva de ataques que se abriu em 2016.

Considerações finais

A eleição de Jair Bolsonaro para a presidência do Brasil mudou profundamente o funcionamento das instituições brasileiras, o foco dos principais debates na opinião pública com a consolidação do pensamento negacionista de extrema-direita, e as prioridades dos atores políticos nacionais. Com o PSOL não foi diferente, resistir à ofensiva contra os direitos da classe trabalhadora mudou a localização de correntes internas, aproximou novos agrupamentos, e deu novos locais para o Partido ocupar.

Hoje o PSOL não se define mais como simplesmente uma tentativa de superar o petismo, mas aglutina grupos que estão na vanguarda do enfrentamento à extrema-direita, que militaram nas ruas e nas redes pela eleição de Lula e que enxergam no PSOL uma ferramenta de combate a Bolsonaro e suas ideias. Sua trajetória no presente, escolhendo se manter como um Partido independente do novo Governo de Lula, não está ancorada na mesma motivação do seu passado em ser uma força rompida com o petismo, uma vez que entende esse governo como um importante passo para a retomada de direitos sociais e democráticos para o Brasil.

No entanto, ainda há um projeto independente do PT, e que busca superá-lo, a ser construído, que se nutre nas lutas e nos mandatos do PSOL. Isso se expressa na luta contra a anistia ao bolsonarismo, que se contradiz com a escolha de Lula para o Ministério da Defesa com o conciliador e defensor dos militares José Múcio, e em outras críticas às limitações do Governo.

Críticas essas que não traçam o mesmo caminho do passado, agora priorizando combater a possível volta da onda reacionária instaurada em 2016. Apesar de pequeno e um tanto complexo, o PSOL ocupa um espaço necessário para a superação dos principais retrocessos instaurados nos últimos anos.

Referências

ALENCAR, Chico. Socialismo ou Barbárie: A escolha é nossa. São Paulo: Fundação Rosa Luxemburgo, 2018.

PERICÁS, Luiz Bernardo. O Novo Ciclo da Esquerda: A História do PSOL. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2010.

SINGER, André. A Esquerda Positiva: Crise e Renovação no Campo Progressista Brasileiro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.